



FALTAM PROFESSORES E FALTAM SOLUÇÕES

Há alunos sem professor desde o início do ano letivo e as dificuldades para encontrar substitutos são cada vez maiores. Governo prometeu medidas, mas nada mudou ainda

Textos ISABEL LEIRIA

Geografia e Filosofia desde o início do ano letivo. Inglês, Português e Francês. Física e Química até esta semana. Mais um professor de Tecnologias de Informação que vai sair e cuja substituição já sabe que andará entre o muito difícil e o impossível. “Estes são os meus calcanhares de Aquiles”, desabafa Rosária Alves, diretora do Agrupamento de Escolas de Benfica, em Lisboa, e onde cerca de uma dezena de turmas não têm neste momento professor a alguma disciplina.

No Agrupamento Monte da Lua, em Sintra, ainda se procura um docente de Físico-Química para uma turma do 8º ano. A situação de Filosofia foi resolvida na semana passada, informática continua com ‘buracos’, mesmo depois de recorrer a professores sem habilitação específica para o ensino. Para resolver o problema com a falta de um docente de Inglês, partiu-se o horário em parcelas mais pequenas de forma a poder distribuir em horas extraordinárias pelos docentes da casa e fazer com que menos turmas permaneçam com ‘furos’. E são cada vez mais as escolas que estão a conseguir resolver as falhas recorrendo a este mecanismo: até cinco horas adicionais, os professores têm de aceitar este trabalho extra.

No ano passado, ainda foi pior, conta o diretor, Nuno Cabanas: “Tivemos uma turma sem Francês praticamente o ano inteiro e outra do 11º sem Física e Química (disciplina com exame nacional) durante mais de três meses. A situação é preocupante”. No Agrupamento de Escolas de Queluz/Belas, também em Sintra, ainda há uma turma de 3º ciclo sem Matemática e que em vez de cinco aulas por semana está a ter uma com um professor de apoio.

Basta ligar aleatoriamente para escolas da Área Metropolitana de Lisboa para constatar as dificuldades que as direções estão a sentir em encontrar substitutos para os horários que vão surgindo ao longo do ano letivo — decorrentes de baixas médicas, aposentações, parentalidade. A situação tem-se agravado nos últimos anos, sem que tenha havido até agora um plano conhecido para tentar diminuir as dificuldades que afetam esta região e também o Algarve.

O problema é complexo, tem muito que ver com o envelhecimento desta classe profissional (que origina mais aposentações e mais baixas médicas), com um desequilíbrio entre a oferta e a procura (os candidatos são sobretudo do norte e as necessidades estão a sul) e com mecanismos que possibilitam milhares de mudanças de escola todos os anos. A consequência é assistir-se a situações que não aconteciam desde o século passado, com alunos sem aulas a uma ou mais disciplinas durante semanas e até meses e o recurso a professores sem preparação específica para o ensino de uma dada matéria, admite o

presidente da Associação Nacional de Diretores de Escolas, Filinto Lima.

No programa do Governo são várias as medidas inscritas. Fala-se na necessidade de “rejuvenescer” o corpo docente, criar “incentivos à aposta na carreira e ao desenvolvimento de funções em áreas do país onde a oferta de profissionais é escassa” e rever o modelo de colocação de professores para garantir “maior estabilidade”. Mas dois anos depois ainda não se conhecem medidas.

Em entrevista ao “Público” em julho, a secretária de Estado da Educação Inês Ramires tinha previsto para setembro passado a apresentação de um estudo sobre as necessidades do sistema para os próximos cinco a dez anos, mas ainda não aconteceu. Quanto à revisão dos concursos, cujas negociações deveriam iniciar-se em outubro, o processo ainda não foi desencadeado. “Nada fizeram nos últimos dois anos. Nem este Governo negociou qualquer matéria estruturante durante os últimos seis”, aponta o secretário-geral da Fenprof, Mário Nogueira.

MILHARES RUMAM A NORTE

Entretanto, nestas escolas mais afetadas lançam-se semanalmente os horários por preencher nas plataformas. “Temos sistematicamente necessidade de substituir professores e temos várias situações por resolver desde o início das aulas”, admite a responsável pelo Agrupamento Aqua Alba, no Cacém.

Para este ano letivo, este novo mega-agrupamento já teve de contratar mais de cem professores. Muitos acabam por desistir da colocação quando percebem que o que vão ganhar é insuficiente para fazer face aos custos da deslocação ou porque apesar de constarem das listas nacionais de professores disponíveis para a contratação arranjaram entretanto alternativas que lhes compensam mais. As dificuldades revelam-se também através das ofertas de escola que são lançadas e que, só em outubro, foram mais de 60 neste agrupamento.

Estes anúncios feitos diretamente pela escola só podem ocorrer se já não houver candidatos inscritos nas tais listas nacionais de contratados teoricamente disponíveis ou se as colocações forem recusadas por duas vezes. Ou

seja, cada horário lançado em oferta de escola significa que há uma ou mais turmas sem aulas daquela disciplina há pelo menos duas semanas.

Em respostas ao Expresso, o Ministério da Educação nota que até à semana passada havia pouco mais de 200 horários completos por preencher (o equivalente a cerca de 1100 turmas com furos a pelo menos uma disciplina), que há professores permanentemente a sair do sistema e a serem substituídos e que estes números representam uma fatia muito pequena de um sistema que conta com “mais de 50 mil turmas e centenas de milhares de horários preenchidos por mais de 120 mil professores”.

Mas o facto é que muitos horários completos desapareceram não por terem sido preenchidos, mas por terem sido partidos. Além disso, persiste o problema de fundo, lembra Davide Martins, professor de Matemática, colaborador do blogue “ArLindo” e que tem feito as contas a este problema. Num exercício recente, Davide Martins constatou que há disciplinas, como Geografia, Alemão, Informática, Matemática, Biologia e Geologia e Português para as quais já não há, ou quase, professores disponíveis para dar aulas em escolas de Lisboa e Vale do Tejo nas tais listas nacionais de recrutamento.

Outro sinal do desequilíbrio manifesta-se nas movimentações de professores entre escolas, legalmente previstas. Um dos mecanismos tem a ver com situações de doença (ver texto ao lado). E das quase 9 mil mudanças autorizadas, mais de dois terços foram de professores que saíram do seu lugar em escolas do sul para o norte. Outra possibilidade prevista é a escolha de uma escola mais próxima da residência (mobilidade interna). Segundo Davide Martins, saíram este ano 1100 professores afetos ao quadro de zona pedagógica da Área Metropolitana de Lisboa e vieram apenas 127 de outras regiões. “Não resolveria o problema, mas limitar esta mobilidade permitiria ganhar algum fôlego e não ter tantos alunos sem aulas”, sugere. A ausência é tanto mais grave quando se segue a dois anos letivos condicionados pela pandemia e ensino à distância. “O Ministério lançou um plano de recuperação e permitiu às escolas avançar com vários projetos, que dependiam da colocação de mais recursos. Mas com esta falta de professores, não só não se recuperam as aprendizagens, como se acentuam atrasos”, lamenta a diretora do Agrupamento de Benfica.

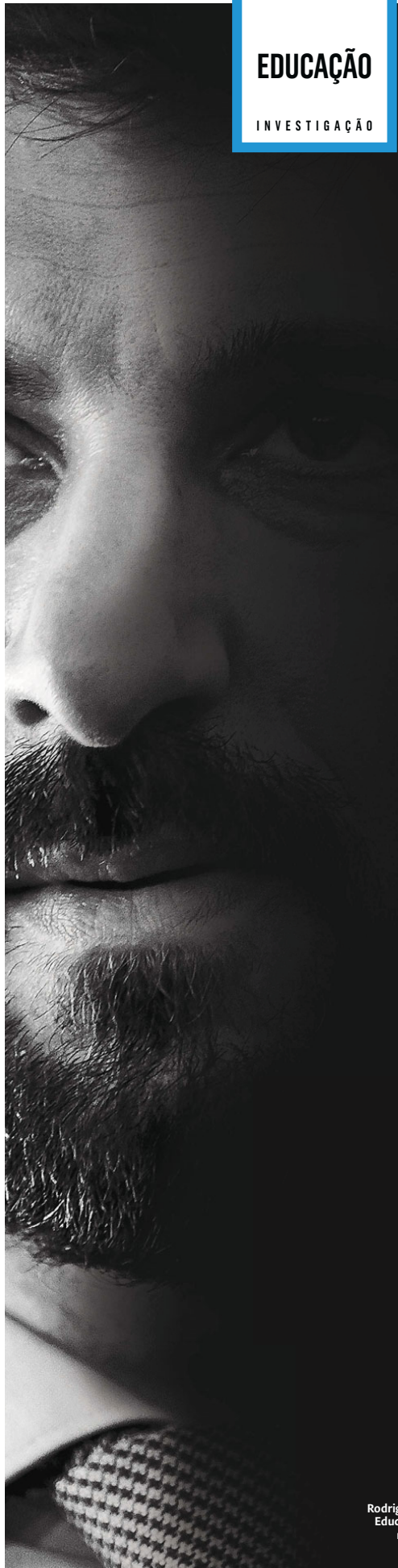
ileiria@expresso.imprensa.pt

COM A DIFICULDADE EM ENCONTRAR PROFESSORES, NÃO SE CONSEGUEM RECUPERAR APRENDIZAGENS E ACENTUAM-SE OS ATRASOS



EDUCAÇÃO

INVESTIGAÇÃO

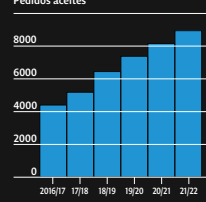


Saídas de escola por doença duplicam

Mudanças estão previstas em caso de doença do próprio ou para apoio a familiares a cargo

Ano após ano, são cada vez mais os professores vinculados a uma escola ou a um quadro de zona pedagógica que pedem para mudar para outro estabelecimento de ensino, noutra região, por motivos de saúde, como uma doença incapacitante do próprio que requeira tratamento médico noutra local ou

MOBILIDADE POR DOENÇA



FONTE: DIREÇÃO-GERAL DA ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR.

ainda para apoio a um familiar direto que tenham a cargo. Só nos últimos cinco anos, o número duplicou, passando de 4400 pedidos de mobilidade por doença aceites para quase 9000 no presente ano letivo.

O problema é que estes milhares de saídas anuais fazem-se sobretudo num sentido — de escolas de Grande Lisboa para todo a zona Norte do país — libertando assim horários por preencher numa região onde já existem as maiores dificuldades de substituição.

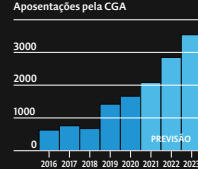
Número de reformas sempre a subir

Estimativas apontam para a aposentação até 2030 de mais de metade dos professores que estão hoje nos quadros

Desde 2016 que o número de professores que se reformam anualmente está a subir, tendo-se fixado este ano nas 2000 aposentações. E a estrutura etária da classe docente indica que assim vai continuar nos próximos anos.

O estudo mais recente data de 2019 e foi feito pelo Conselho Nacional de Educação. Nele se

DOCENTES REFORMADOS



FONTE: BLOGUE ARLINDO E CGA

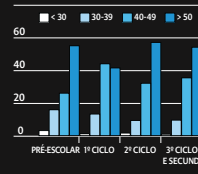
calculava que dos 90 mil professores nos quadros que a 1 de setembro de 2019 tinham 45 ou mais anos, 58% iriam reformar-se até 2030, ou seja, mais de 50 mil ao longo de apenas uma década. Neste momento, já é possível constatar que as projeções feitas então para 2020 e 2021 estavam acima da realidade. Mas mesmo que os números não se confirmem tal e qual, a saída do sistema de uma percentagem enorme de docentes é inevitável, obrigando a que se formem mais diplomados em ensino.

Envelhecimento acentua-se

Portugal tem das classes docentes mais velhas da OCDE. Educadores de infância abaixo dos 30 anos eram oito na rede pública

Se em 2009/10, os professores do 3º ciclo e Secundário com mais de 50 anos representavam 23% da classe, uma década depois passaram a estar em maioria (54%). Já os mais novos foram perdendo expressão e se antes quase chegavam aos 10% com menos de 30 anos, agora não passam de 1,2%, segundo as es-

DISTRIBUIÇÃO POR GRUPO ETÁRIO



FONTE: DIREÇÃO-GERAL DE ESTATÍSTICAS DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

tatísticas do Ministério da Educação. No 2º ciclo (5º e 6º anos) são já 57%. E o envelhecimento é maior no sistema público.

Veja o que se passa no pré-escolar. No ano passado, havia oito educadores com menos de 30 anos em jardins de infância públicos totalizando 8657 profissionais do quadro. No privado eram quase 400 em 3000. No 3º ciclo e Secundário, professores com menos de 30 anos não chegam a 1%. Na OCDE, Portugal está entre os cinco países onde a classe docente é mais envelhecida.

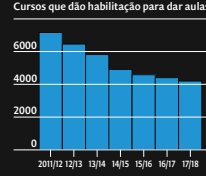
Menos inscritos em cursos de ensino

Nos últimos anos, verificou-se uma redução acentuada de jovens inscritos nos mestrados que habilitam para dar aulas

O envelhecimento da classe docente combinado com a diminuição da procura de cursos que habilitam para o ensino por parte dos jovens pode gerar uma espécie de tempestade perfeita no ensino, atenuada apenas pela redução da natalidade e do número de alunos no sistema.

O número de jovens em mestrados que dão habilitação pro-

ALUNOS EM MESTRADO DE ENSINO



FONTE: CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

fissional para a docência caiu nos últimos anos e a atratividade da profissão já teve melhores dias. Em 2018, no âmbito do PISA (avaliação da literacia aos 15 anos, conduzida pela OCDE), os alunos portugueses mostraram ser dos que menos ambicionavam seguir esta carreira. E um outro inquérito revelou que mais de 80% dos que exercem gostariam de reformar-se mais cedo. Mas há agora sinais de uma inflexão na procura, com os inscritos em licenciaturas em Educação a subir nos últimos dois anos.

Lisboa com problemas, Norte escapa

Problema da falta de professores não afeta o país por igual e é mais acentuado nalguns grupos disciplinares

Os dez concelhos que mais dificuldades têm tido em encontrar professores para horários que vão aparecendo ao longo do ano letivo localizam-se todos na Área Metropolitana de Lisboa. E há também dificuldades em vários concelhos do Algarve.

Estas dificuldades são expressas através do número de

DISCIPLINAS COM MAIS HORÁRIOS EM FALTA

- 1 Informática
- 2 Português
- 3 Geografia
- 4 Matemática
- 5 Física e Química

POR CONCELHO

- 1 Lisboa
- 2 Sintra
- 3 Almada
- 4 Loures
- 5 Cascais

FONTE: DAVIDE MARTINS, PROFESSOR DE MATEMÁTICA E COLABORADOR DO BLOGUE ARLINDO

horários que são anunciados diretamente pelos agrupamentos (oferta de escola) e que só podem ocorrer se já não houver candidatos inscritos nas listas nacionais de contratados disponíveis ou se as colocações forem recusadas por duas vezes. Ou seja, cada horário lançado em oferta de escola significa que há uma ou mais turmas sem aulas daquela disciplina há pelo menos duas semanas. E há escolas que em mês e meio de aulas já lançaram 50, 60 e até 100 horários em falta.

Tiago Brandão Rodrigues, ministro da Educação desde 2015
FOTO MARCOS BORGIA